

**CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE, EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**CONVERGENCES BETWEEN ART, EDUCATION, DIGITAL TECHNOLOGY, AND  
COMTEMPORARY SOCIETY**

Recebido em: 20/11/2024

Aceito em: 30/04/2025

Publicado em: 05/06/2025

Iva Marques Rocha<sup>1</sup> 

Universidade Federal de Mato Grosso

Taís Helena Palhares<sup>2</sup> 

Universidade Federal de Mato Grosso

**Resumo:** O presente artigo aborda a convergência entre arte, educação, tecnologia digitais e sociedade contemporânea a partir das reflexões e análise teórica que integra as perspectivas dos autores: Ramos (2006), Dewey (1938), Freire (1996), Dalcroze (1920), Santos (2013), Silveira (2006), Pierre (1999) e Niemeyer (1960) e os artistas visuais Neves (2016) e Jekupê (2012), dialogam sobre as transformações digitais da contemporaneidade, a relevância da participação ativa, da crítica social e do valor da arte e da educação, fomentando significativas mudanças sociais. O método utilizado foi de revisão sistemática (Denzin, 1978), buscando abordar as interseções, entre teorias e prática, no contexto da arte e educação contemporânea. Promovendo melhorias quanto ao desenvolvimento cognitivo, percepção crítica, visão de mundo, protagonismo, experiência artística, formação cultural e interação com as tecnologias digitais e interseções entre a comunicação presencial e virtual na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Tecnologias Digitais; Sociedade Contemporânea.

**Abstract:** This article discusses the convergence of art, education, digital technologies, and contemporary society through reflections and theoretical analyses drawing upon the perspectives of authors such as Ramos (2006), Dewey (1938), Freire (1996), Dalcroze (1920), Santos (2013), Silveira (2006), Lévy (1999), Niemeyer (1960), and visual artists Neves (2016) and Jekupê (2012). Their ideas engage in a dialogue about the digital transformations of contemporaneity, the relevance of active participation, social critique, and the value of art and education in fostering significant social change. The methodological approach is based on systematic review (Denzin, 1978), aiming to explore intersections between theory and practice in the context of contemporary art and education. This reflection seeks to enhance cognitive development, critical awareness, artistic experience, cultural formation, and interaction with digital technologies, integrating both in-person and virtual communication within society.

**Keyword:** Art; Education; Digital Technologies; Contemporary Society.

---

<sup>1</sup> Aluna Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT, Brasil, Mato Grosso, Cuiabá. E-mail: rochaiva@yahoo.com

<sup>2</sup> Docente credenciada no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Professora Associada IV do Departamento de Artes da UFMT, Brasil, Mato Grosso, Cuiabá. E-mail: tais.palhares@ufmt.br

## INTRODUÇÃO

Em cada período da história o comportamento dos moradores de uma comunidade são modificados da mesma forma em que se modificam os aspectos visuais, sonoros e olfativos. Em decorrência destas modificações, a paisagem específica, produzida por esta comunidade é também transformada. Pesquisas, depoimentos, fotos, entre outros, registram estas mudanças, e um olhar mais atento à estas modificações pode proporcionar convergências entre a tecnologia da época, os modos de entender a educação e as formas de expressão, pelo ser humano, por meio da arte.

Romancini (2005) aponta dimensões e funções de uma paisagem e, a partir de aspectos referentes ao contexto histórico e social, é possível admitir diferentes leituras. De acordo com a autora, a modelagem da paisagem natural realizada por um determinado grupo cultural resulta na paisagem cultural, caracterizada como um legado.

A paisagem é um legado e, portanto, um patrimônio de especial entidade, pois nela se materializam a relação, a espacialidade e o tempo. Uma paisagem não é somente um lugar, é também sua imagem. Não reside somente na natureza, na história, na estrutura social, senão também na cultura (Romancini, 2005, p. 26).

Ao mesmo tempo em que um grupo modela a paisagem, ele é modelado por ela, uma vez que é dentro das paisagens que as relações humanas acontecem. Neste sentido, percebemos que as perspectivas no que diz respeito às formas de ensinar e aprender e nos modos de expressar por meio da arte se entrelaçam, de uma maneira muito estreita, com as tecnologias disponíveis.

No que diz respeito ao século XXI, as novas tecnologias e as mídias digitais redefiniram o papel da arte, da educação e da comunicação. Um novo paradigma de transformação social orienta pesquisadores e autores como Ramos (2006), Dewey (1938), Freire (1996), Santos (2013), entre outros, que convergem para propor uma integração entre arte, educação, cultura e tecnologia. A convergência de suas ideias sugere que o aprendizado, a criação artística e a participação ativa na sociedade não podem ser vistos como processos isolados, mas como práticas que se inter-relacionam e se influenciam mutuamente. Ao entender o papel transformador da arte e da educação no contexto das tecnologias digitais, podemos vislumbrar novas possibilidades de empoderamento social e de conscientização crítica.

As contribuições destes autores oferecem uma abrangente compreensão de como esses elementos se relacionam e moldam a cultura contemporânea. O arcabouço teórico e prático

desse diálogo, podem auxiliar na formação de uma educação crítica e libertadora, desse desenvolvimento na cultura visual, a percepção do papel transformador da arte, entre outras possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais.

Cada um desses autores, em suas áreas de atuação, propõe reflexões fundamentais para a compreensão do papel que a arte e a educação desempenham na formação de uma sociedade mais justa, participativa e consciente. Este artigo se propõe a explorar como as teorias e práticas desses autores convergem para oferecer uma nova visão de mundo, na qual a arte e a educação são essenciais para a transformação social e cultural. A partir dessa análise, procuraremos destacar como as ideias desses autores dialogam entre si e como suas propostas se complementam, construindo uma base sólida para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, crítica e participativa.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a elaboração deste texto, foi realizada uma revisão bibliográfica contemplando estudiosos que discutem acerca do poder da arte e da educação na promoção de mudanças sociais significativas. Entre estes estudiosos estão Ramos (2006), Dewey (1938), Freire (1996), Santos (2013) e Niemeyer (1960).

A partir desta revisão, uma das autoras deste trabalho, em sua breve visita a Brasília/DF, em comemoração ao dia do professor em outubro de 2024, presenteou-se visitando parte das importantes obras de Niemeyer (1960). Passando pela Esplanada dos Ministérios, entre importantes monumentos, esculturas e construções dos prédios históricos dos setores políticos, judiciários e administrativos, destacou-se a Catedral de Brasília, ímpar em seu curioso formato arquitetônico que, lembra a fruta abacaxi. Por dentro da Catedral, em seu interior, uma obra estonteante com teto de vitral que circunda toda a construção arredondada, descendo anjos gigantes que flutuam, localizados no centro da Catedral. Em outros espaços da catedral, estão expostas outras esculturas e obras de cunho sagrado religioso.

O Museu Nacional da República em Brasília/DF e seu anexo, são capítulos a parte. Podendo ser apreciado pela sua curiosa arquitetura também de Niemeyer (1960), com importantes exposições artísticas, com obras bidimensionais e tridimensionais. Os espaços do museu são pensados em sutileza de detalhes, proporcionando curiosidade, além da sensação ampla e agradável, nesta atmosfera onde se respira a arte com muita qualidade. A exposição em vigência, *Brasília – A Arte do Planalto* (curadoria Paulo Herkenhoff e cocuradoria Sara Seilert), aconteceu entre os dias 25 de setembro a 24 de novembro de 2024.

Nesta rica exposição, foi possível observar a arte de Brasília, apresentada em uma possível narrativa histórica, entremeada com seus personagens e fatos políticos, apresentando as obras de arte de forma inovadora e muito criativa. Essa exposição, de quadros de todos os tipos, formatos, materiais e técnicas diversas, harmonizados aos espaços de esculturas, jardins de esculturas, instalações artísticas e obras de imersão tecnológica, descortina a verdade, descobertas e sofrimentos da construção de Brasília e a pobreza e descaso político pelas cidades satélites, região de periferia e moradia do povo que trabalha e seve a Capital Nacional. Desta exposição, dois artistas plásticos, Josafá Neves e Xadalu Tupã Jekupé, com suas respectivas obras “Painel Afroindígena” (2016) e “Abdução Kaiowà” da série “Ordem e Progresso?” (2018) foram selecionadas para discussão neste trabalho. Antes disso, falaremos brevemente sobre o Museu em cuja exposição estas obras foram apreciadas.

## **O MUSEU**

O Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, inaugurado em 2006 em Brasília e projetado por Niemeyer (1960), é um marco inovador e cultural na capital brasileira. Integrante do Conjunto Cultural da República, que inclui também a Biblioteca Nacional, o museu é um espaço dedicado a exposições, eventos e programas educativos que enriquecem a vida cultural da cidade e atraem visitantes de todo o país. Em sua arquitetura, a cúpula curva e a rampa de acesso remetem ao estilo característico de Niemeyer (1960), que valorizava as formas fluidas e o futurismo, refletindo seu ideal artístico de liberdade e expressão.

Brasília, fundada em 1960 com um plano urbanístico moderno de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, demorou a desenvolver uma infraestrutura cultural robusta para complementar sua relevância política. O Museu Nacional da República surge como resposta a essa necessidade, estabelecendo-se como um polo para a arte contemporânea e moderna. O museu promove exposições de artistas nacionais e internacionais, englobando várias linguagens artísticas.

O museu não é apenas um local de exibição, mas um símbolo de integração entre cultura, arte e comunidade. Localizado na Esplanada dos Ministérios, contribui para a descentralização cultural no Plano Piloto de Brasília, atraindo um público diversificado e fomentando o turismo cultural. Embora apresente desafios financeiros que restrinjam a criação de uma coleção permanente, o museu oferece uma programação variada e dinâmica, consolidando-se como um espaço essencial para a promoção da arte e da diversidade cultural, fornecendo a identidade de Brasília e proporcionando um ambiente de reflexão.

O Museu Nacional do Conjunto Cultural da República é um espaço fundamental para a promoção da arte e da cultura em Brasília. Seu papel como centro cultural, aliado ao projeto inovador de Oscar Niemeyer, faz do museu um símbolo de modernidade e de dinamismo na capital brasileira. Embora enfrente desafios financeiros, o museu mantém-se relevante por meio de uma programação variada e de seu compromisso com a educação e a inclusão cultural. Ao olhar para o futuro, o Museu Nacional tem a oportunidade de se consolidar como um dos principais polos culturais do país, continuando a promover o diálogo entre arte, cultura e sociedade em Brasília.

## **INTERSECÇÃO ENTRE ARTE, EDUCAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA**

Em suas diferentes abordagens, autores e artistas destacam a importância da participação ativa, da crítica social e do poder da arte e da educação para promover mudanças sociais significativas.

Ramos (2006) explora em suas obras, o impacto das mídias digitais na arte e na cultura, destacando a emergência de uma cultura participativa, em que o público pode ser um cocriador do processo artístico, promovendo uma interação mais direta e colaborativa entre artistas e consumidores (Ramos, 2006).

Este mesmo autor aborda a maneira como a mídia digital transforma a arte, promovendo novas formas de criação e interação entre o público e a obra. Ele argumenta que a convergência entre mídias tradicionais e digitais cria um espaço para que o público possa ser protagonista, alterando a dinâmica do consumo de arte. “A arte contemporânea, em sua interação com a mídia, abre possibilidades antes inimagináveis para o público, que agora pode interagir diretamente com a obra” (Ramos, 2006, p. 45).

A cultura participativa que Ramos (2006) descreve é um reflexo da sociedade digital interconectada, onde as fronteiras entre criadores e consumidores se tornam mais fluidas. Sua obra apresenta uma análise detalhada da relação entre a arte e as tecnologias digitais no mundo contemporâneo. A convergência tecnológica entre mídias tradicionais e digitais, segundo o autor, oferece novas formas de expressão artística e de engajamento social, possibilitando a inclusão de vozes que historicamente foram silenciadas nas esferas culturais influentes.

Em outro trabalho, Ramos (2006) discute como a cultura visual contemporânea reflete e transforma a maneira como percebemos o corpo e a identidade, considerando a relação entre arte, mídia e tecnologia. Ele sugere que, ao permitir novas formas de representação, as tecnologias digitais se reconfiguram como práticas artísticas e culturais,

ampliando a participação do público. A convergência entre essas práticas culturais e a mídia digital oferece novas oportunidades para o público interagir com a arte, promovendo uma experiência mais inclusiva e colaborativa.

Essa mesma visão de transformação cultural pode ser vista nas reflexões de Niemeyer (1960) sobre arquitetura e sociedade. O ilustre arquiteto, destacou o papel da arquitetura como uma ferramenta de transformação social. Para ele, a arquitetura deveria não apenas atender às necessidades funcionais, como também inspirar e promover a inclusão social. Ele argumenta que “a arquitetura é um ato social, político e artístico, destinado a transformar a sociedade” (Niemeyer, 1960, p. 120). Ao criar Brasília, Niemeyer aplicou sua visão humanista da arquitetura, projetando uma cidade que buscava integrar as pessoas e criar o senso de coletividade.

Imagem 1 – Museu Nacional da República – Brasília – DF.



Fonte: foto de ROCHA, Iva Marques em 15/10/2024.

Imagem 2 - Museu Nacional da República – Brasília – DF.



Fonte: foto de ROCHA, Iva Marques em 15/10/2024.

Essa transformação cultural está em consonância com a produção de artistas contemporâneos como Neves (2016) e Jekupê (2012), que utilizam a arte como uma ferramenta para denunciar e resistir às opressões sociais. Neves (2016), em seu *Painel Afroindígena*, aborda a marginalização e a invisibilização das culturas afro e indígenas no Brasil, promovendo um resgate de suas histórias e identidades.

Seu painel foi produzido junto aos seus alunos, onde cada quadrado de madeira foi pintado a mão por uma pessoa, contendo símbolos afro-indígenas na frente

e a assinatura de cada participante no verso da pintura. Trazendo assim, a proposta da junção dos fragmentos individuais, totalizando o coletivo em seu painel, como na Imagem 3, abaixo.

Imagem 3 - Painel Afroindígena (Josafá Neves).



Fonte: Foto de Rocha, Iva Marques em 15/10/2024.

Ao misturar elementos culturais afro-brasileiros e indígenas, Neves propõe um diálogo entre essas tradições, promovendo a valorização e resistência contra a hegemonia cultural.

Por outro lado, Jekupê (2012), em sua obra *Abdução Kaiowá*, apresentado na Figura 3, aborda a violência histórica contra os povos indígenas brasileiros, utilizando a arte como um espaço de resistência e conscientização.

Imagem 4 - Abdução Kaiowá (Xadalu Tupã Jekupê)



Fonte: Foto de Rocha, Iva Marques em 15/10/2024.

A obra de Jekupê (2012) retrata a expropriação das terras indígenas e o genocídio cultural vivido pelos povos Kaiowá, criando uma narrativa que mistura elementos tradicionais com linguagens contemporâneas.

Ambos os artistas, assim como Ramos (2006), utilizam a cultura digital e a arte visual para mobilizar questões de identidade, resistência e participação, mostrando que as plataformas digitais podem ser espaços de contestação e diálogo político. A convergência cultural descrita por Ramos (2006), aliada às produções visuais de Neves (2016) e Jekupê

(2012), demonstra como as novas tecnologias ampliam o alcance de questões sociais e culturais, permitindo que grupos marginalizados ocupem o espaço público por meio da arte.

As reflexões de Dewey (1938) e Freire sobre a educação convergem em uma visão que valoriza a participação ativa e a transformação social por meio do aprendizado. Dewey (1938), propõe que o aprendizado deve ser construído com base nas experiências cotidianas dos alunos, promovendo a educação como um processo contínuo e prático. Ele argumenta que “toda experiência educacional deve estar conectada a outras experiências anteriores e futuras” (Dewey, 1938, p. 19), indicando que a educação é mais eficaz quando se relaciona diretamente com a realidade dos alunos.

A educação é um dos pilares fundamentais na obra de Dewey (1938) e Freire (1996), e ambos concordam que o aprendizado deve ser um processo ativo e transformador. Para Dewey (1938), a educação deve estar conectada à experiência do aluno, sendo um processo contínuo e prático. Ele afirma que “a educação é a continuidade contínua da experiência” (Dewey, 1938, p. 25). Dewey (1938) acreditava que o aprendizado eficaz só ocorre quando o aluno é capaz de relacionar o conteúdo educacional às suas experiências cotidianas, promovendo assim um pensamento crítico e reflexivo.

Paulo Freire (1996), complementa essa ideia ao enfatizar que a educação deve ser uma prática libertadora, baseada no diálogo entre professor e aluno. Para ele, a conscientização crítica é o principal objetivo da educação, e a transformação social só é possível quando os alunos são capazes de refletir criticamente sobre suas próprias realidades. “A leitura de mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1970, p. 34). Sublinhando assim que, a educação precisa estar conectada ao contexto social e cultural dos alunos.

A convergência entre as ideias de Dewey (1938) e Freire (1996) é evidente na ênfase que ambas colocam na participação ativa do aluno no processo educacional. Assim como Ramos (2006) argumenta que as novas tecnologias permitem ao público participar da criação artística, acreditando que os alunos devem ser agentes ativos na construção de seu próprio conhecimento. A educação, portanto, deve ser um processo de transformação social, no qual os alunos aprendem a questionar e desafiar as estruturas existentes.

Freire (1996), por sua vez, acrescenta a essa discussão o conceito de conscientização crítica. O autor defende que a educação deve ser dialógica e libertadora, permitindo que os alunos desenvolvam uma visão crítica sobre o mundo e se capacitem para transformá-lo. Ele afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1970, p. 34), destacando

a importância de que a educação seja contextualizada na realidade social e cultural dos alunos, permitindo-lhes agir como sujeitos críticos e transformadores.

Essa convergência entre educação crítica e experiencial se conecta diretamente às práticas artísticas de Neves (2016) e Jekupê (2012), que, por meio de suas obras, visa despertar a consciência sobre questões sociais e históricas cruciais para as comunidades afro-indígenas no Brasil. As produções de ambos os artistas dialogam com a necessidade de conscientizar o público sobre as violências estruturais e históricas vividas por esses grupos, utilizando a arte como uma ferramenta de transformação e resistência. Assim como Freire (1996) defende a educação como uma prática libertadora, Neves (2016) e Jekupê (2012) utilizam a arte para promover o empoderamento e a resistência das comunidades que representam.

Dalcroze (1920), propõe uma abordagem educacional inovadora que integra música e movimento, colocando o corpo no centro do processo de aprendizagem. Ele argumenta que o aprendizado sensorial e experiencial, especialmente por meio do ritmo e do movimento, é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Para ele, "o ritmo é a base da educação musical, e sua prática no corpo cria uma conexão profunda entre o intelecto e a emoção" (Dalcroze, 1920, p. 56). Reforçando a ideia de que o corpo e a mente devem estar integrados no processo de aprendizagem, promovendo uma educação mais significativa.

As ideias de Dalcroze (1920) encontram eco nas práticas de Neves (2016) e Jekupê (2012), que incorporam elementos de movimento e ritmo em suas obras visuais e performáticas. Neves, em seu *Painel Afroindígena*, combina arte visual com a representação simbólica do movimento, utilizando formas e núcleos que evocam os ritmos culturais africanos e indígenas, criando uma experiência estética que conecta corpo, mente e cultura. Jekupê (2012), em sua abordagem artística, também incorpora uma dimensão corporal ao trazer elementos tradicionais indígenas com técnicas contemporâneas, criando uma arte que não apenas se vê, mas que também é sentida e vivenciada. A educação corporal proposta por Dalcroze (1920) e as práticas artísticas desses artistas revelam a importância do corpo como ferramenta essencial no processo de aprendizagem e transformação social.

A contribuição de Dalcroze (1920) para a educação, especialmente por meio da música e do movimento, também dialoga com as teorias de Dewey (1938) e Freire (1996). Dalcroze (1920) propôs um método educacional no qual a música e o movimento físico são usados como ferramentas para promover o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Ele acreditava que o aprendizado sensorial, especialmente através do corpo, era essencial para o desenvolvimento completo do aluno. "O ritmo é a base da educação

musical, e sua prática no corpo cria uma conexão profunda entre o intelecto e a emoção” (Dalcroze, 1920, p. 56).

Essa abordagem educativa se alinha com as teorias de Dewey (1938) que defende que a educação deve ser prática e baseada na experiência. Assim como Freire (1938) acredita que a educação deve promover a conscientização crítica, Dalcroze (1920) propõe que a educação musical deve ser uma experiência viva e envolvente, conectando o aluno ao conteúdo de maneira profunda e significativa. A integração de arte e educação no método de Dalcroze (1920) também reforça a ideia de que a prática artística não é apenas complementar, mas é essencial para o desenvolvimento educacional completo.

A visão de Oscar Niemeyer (1960) sobre a arquitetura como uma forma de arte capaz de promover mudanças sociais encontra-se profundamente alinhada às reflexões sobre o papel da arte na sociedade. Em *Minha Experiência em Brasília* (1960), Niemeyer discute o papel da arquitetura como um ato político, social e estético, capaz de moldar a vida urbana e influenciar a forma como as pessoas interagem com o espaço. Ele afirma que “a arquitetura é um ato social, político e artístico, destinado a transformar a sociedade” (Niemeyer, 1960, p. 120), refletindo sua opinião de que a criação de espaços inovadores pode promover a igualdade e a inclusão social.

Essa visão de Niemeyer (1960) se conecta à produção de Neves (2016) e Jekupê (1912), que também utiliza a arte como uma ferramenta para compensar as estruturas sociais e propor novos paradigmas de convivência. Neves (2016), com seu *Painel Afroindígena*, e Jekupê (1912), com *Abdução Kaiowá*, propõem que a arte seja um espaço de diálogo e reflexão sobre as injustiças sociais e históricas enfrentadas por grupos marginalizados. Assim como Niemeyer (1960) utilizou uma arquitetura para compensar as dinâmicas urbanas e sociais, esses artistas utilizam a arte visual para criar espaços de resistência e transformação cultural.

As reflexões de Santos (2013) e Silveira (2006) sobre o ciberespaço e a cultura digital complementam as discussões sobre a convergência cultural e a cultura participativa. Santos (2013) defende que o ciberespaço pode ser uma plataforma para o ciberativismo e a mobilização social, permitindo que grupos marginalizados utilizem as tecnologias digitais para se articular e promover mudanças sociais. Santos (2013) está alinhado as ideias de Lévy (1999) afirma que a cidadania digital, pode ser uma ferramenta de organização e um instrumento para grupos coletivos inteligentes articulados entre si” (Lévy, 1999, p. 126). Essa visão está também diretamente conectada às teorias de Freire (1996) sobre a educação como um processo de

conscientização crítica, onde o uso da tecnologia pode amplificar a voz de movimentos sociais e coletivos.

Silveira (2006) argumenta que “a cultura da convergência é o futuro, mas está sendo moldada no presente” (Silveira, 2006, p. 150), destacando que as tecnologias digitais e a cultura da convergência estão transformando a forma como interagimos com a arte, a cultura e educação, tornando-se um novo paradigma artístico e educacional.

Este mesmo autor enfatiza como a tecnologia está evoluindo a maneira como consumimos e produzimos arte e cultura. A ideia de convergência cultural – onde as fronteiras entre arte, educação e tecnologia se fundem – é uma característica marcante da sociedade contemporânea. A tecnologia não apenas facilita o aprendizado e o acesso à arte, mas também oferece novas ferramentas para promover a participação ativa e a transformação social.

Essa convergência tecnológica oferece novas possibilidades para artistas como Neves e Jekupê, que utilizam as plataformas digitais para promover suas obras e ampliar o alcance de suas mensagens políticas e culturais. A combinação de tecnologias digitais e arte visual permite que esses artistas criem novos espaços de resistência, onde questões relacionadas à identidade, à memória e à justiça social são colocadas de maneira impactante, buscando provocar reflexão, conscientização e possível mudança de comportamento.

Essa transformação cultural está em consonância com a produção de artistas contemporâneos como Neves (2016) e Jekupê (2012), que utilizam a arte como uma ferramenta para denunciar e resistir às opressões sociais. Neves (2016), em seu *Painel Afroindígena*, aborda a marginalização e a invisibilização das culturas afro e indígenas no Brasil, promovendo um resgate de suas histórias e identidades. A obra de Neves (2016), ao misturar elementos culturais afro-brasileiros e indígenas, propõe um diálogo entre essas tradições, promovendo a valorização e resistência contra a hegemonia cultural. Jekupê (2012), em sua obra *Abdução Kaiowá*, aborda a violência histórica contra os povos indígenas brasileiros, utilizando a arte como um espaço de resistência e conscientização.

A obra de Jekupê (2012) retrata a expropriação das terras indígenas e o genocídio cultural vivido pelos povos Kaiowá, criando uma narrativa que mistura elementos tradicionais com linguagens contemporâneas. Ambos os artistas, assim como Ramos (2006), utilizam a cultura digital e a arte visual para mobilizar questões de identidade, resistência e participação, mostrando que as plataformas digitais podem ser espaços de contestação e diálogo político. A convergência cultural descrita por Ramos (2006), aliada às produções visuais de Neves (2016) e Jekupê (2012), demonstra como as novas tecnologias ampliam o alcance

de questões sociais e culturais, permitindo que grupos marginalizados ocupem o espaço público por meio da arte.

Pelo viés da cultura participativa, as tecnologias digitais e a transformação Social, as reflexões de Santos (2013) e Silveira (2006) sobre o impacto do ciberespaço nas dinâmicas sociais e culturais também são centrais para a compreensão da convergência entre educação, arte e tecnologia. Lévy (1999), em seu trabalho sobre ciberativismo e cidadania digital, defende que “o ciberespaço pode ser uma ferramenta de organização e um instrumento para grupos coletivos inteligentes articulados entre si” (Lévy, 1999, p. 126). Essa visão está diretamente conectada às teorias de Freire sobre a educação como um processo de conscientização crítica, onde o uso da tecnologia pode amplificar a voz de movimentos sociais e coletivos.

Silveira (2006) complementa essa perspectiva ao afirmar que “a cultura da convergência é o futuro, mas está sendo moldada no presente” (Silveira, 2006, p. 150). Ele enfatiza como a tecnologia está evoluindo a maneira como consumimos e produzimos arte e cultura. A ideia de convergência cultural – onde as fronteiras entre arte, educação e tecnologia se fundem – é uma característica marcante da sociedade contemporânea. A tecnologia não apenas facilita o aprendizado e o acesso à arte, mas também oferece novas ferramentas para promover a participação ativa e a transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise dos textos e das ideias dos autores apresentados neste texto revela uma convergência significativa entre suas visões sobre o papel da arte, da educação e da tecnologia na sociedade contemporânea. Todos esses autores defendem a importância da participação ativa, seja no campo da criação artística, da prática educacional ou da transformação social. Essa interseção entre arte, educação e tecnologia oferece uma oportunidade ímpar em busca da promoção de uma sociedade mais inclusiva, crítica e consciente.

A cultura participativa, promovida pelas tecnologias digitais e exploradas nas obras de Ramos (2006), é um reflexo da importância de integrar o público e os alunos como cocriadores de conhecimento e cultura. A educação experiencial de Dewey (1938), a pedagogia crítica de Freire (1996) e o método de Dalcroze (1920) reforçam a ideia de que a aprendizagem deve ser uma experiência ativa e transformadora. Finalmente, as reflexões de Niemeyer (1960) sobre a arquitetura e seu impacto social completam essa visão, demonstrando que a arte e a educação podem ter o poder de moldar a sociedade e promover a transformação.

Assim, por meio da experiência artística, seja presencial e/ou virtual, é importante refletir e pensar sobre as possibilidades de expansão de intercâmbio entre exposições e artistas que permitam um alcance cultural ainda maior de um museu ou espaço cultural. A diversificação de uma programação cultural, pode ser uma perspectiva promissora, permitindo o fortalecimento das parcerias com outras instituições culturais nacionais e internacionais e um maior alcance ao público.

Portanto, a convergência entre esses autores e artistas, não só nos oferece uma visão abrangente da relação entre arte, educação e tecnologia, mas também destaca a importância de utilizar esses elementos para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e reflexiva.

Por fim, a análise das contribuições desses autores, em busca de um maior alinhamento das ideias em um pensamento contemporâneo, estabelece ainda mais convergências entre as experiências culturais e artísticas e os espaços de cibercultura e as tecnologias.

A partir da visita de uma das autoras em Brasília, nesse passeio pela arquitetura e arte das exposições visuais observadas nessa rica experiência, assim como a atuação das autoras enquanto educadoras envolvidas com a arte, fica ainda mais evidente o importante compromisso artístico e cultural com a formação crítica do indivíduo. Visando a transformação social, em busca de uma mudança interna e, conseqüentemente mudança de comportamento, ressaltando ainda mais a importância da arte e das tecnologias nos tempos atuais.

Que a arte, independente da sua forma de expressão, possa contribuir cada vez mais com o seu papel inovador, reflexivo, criativo, sensível, essencial e transformador em nossa sociedade e cultura contemporânea.

## REFERÊNCIAS

DALCROZE, Émile Jaques. **Le Rythme, la Musique et l'Éducation**. Paris: Fischbacher, 1920.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Nova York: Perigeu, 1938.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HERKENHOFF, Paulo. **Brasília, A Arte do Planalto**. Catálogo da Exposição do Museu Nacional da República. Brasília, DF: Editora SCEC, 2024.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Experiência em Brasília**. Brasília: Arquivo Público do DF, 1960.

RAMOS, Alexandre Dias. **Mídia e Arte: Aberturas Contemporâneas**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Convergência como Mudança Cultural**. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOS, Maria Amiden dos. **Cidadanias e Movimentos Sociais no Ciberespaço**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.